

*É na roça e na cozinha, assim que 'nóis vivi'.*  
**Trabalho e Educação das mulheres agroextrativistas da Flona de Tefé  
(AM) - Primeiras aproximações**



*Rita de Cassia Fraga Machado*<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo traz resultados parciais de uma pesquisa<sup>2</sup> que se realiza no contexto do Médio Solimões/AM com mulheres da Floresta Nacional (FLONA) de Tefé e seu entorno. A pesquisa vincula-se à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em colaboração com o observatório da educação do campo da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Trata-se de uma pesquisa-ação realizada com mulheres em comunidades agroextrativistas da FLONA de Tefé, que busca analisar de que forma as temáticas da vida doméstica, dos saberes, da cultura, do rio e das comunidades aparecem no trabalho dessas mulheres. Para a escrita deste texto, realizaram-se quatro entrevistas, doze questionários e três encontros de formação a partir dos quais se produziram 15 diários de campo. Verificou-se preliminarmente como o trabalho é central na vida destas mulheres – casa e roçado – e como a escola se faz ausente assim como a participação delas nos espaços de decisão das comunidades. A pesquisa constata uma série de desafios a serem superados, tais como o machismo e o patriarcado. O cenário de baixa participação das mulheres nas reuniões da FLONA e a quase insignificante representatividade destas nas instituições das comunidades e de organização social na região acarretam na restrição do espaço de atuação da mulher (casa e o roçado). Identificaram-se casos de violência doméstica “velados” e questões que precisam ser superadas no sentido de garantir os direitos das mulheres via fortalecimento comunitário e mobilizativo, com uma gestão participativa no trabalho e na vida das famílias.

**Palavras-chave:** Mulheres; trabalho e educação; agroextrativismo.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação (UFRGS); Professora adjunta da Universidade Estadual do Amazonas (UEA)

<sup>2</sup> Participam desta pesquisa as bolsistas de iniciação científica Nickelly Góes Basílio, Érika Nunes Muniz, Huefeson Falcão (FAPEAM) e a Dayane Pires Pacífico (CNPq/PIBIC). Também contribuem no projeto as bolsistas de extensão Zila Castro da Silva e Rayandra Praiano.

## Abstract

This article presents partial results of a research that is taking place in an area region of the Amazon, Brazil, named Medio Solimoes, with women of Tefe's National Forest and its surroundings. The research is linked to the State University of Amazonas (UEA) in collaboration with the Federal University of Pelotas's (UFPeL) Center of field education. It is an action research conducted along with women in agro-extractivist communities of Tefe's National Forest. It seeks to analyze how the issues of domestic life, knowledge, culture, river and local communities appear in the work of such women. With respect to the present article, we took into account four interviews, twelve questionnaires, and three training gathering from which we have made 15 diary fields. Preliminarily, we have found that work is central in the lives of these women – home and field work –, school is not present in their daily lives and that their participation in the decisions made in their communities is low. Our research found a series of challenges to be overcome, such as sexism and patriarchy. This scenario of low participation of these women in issues about the National Forest and the almost negligible representation of them in the communities' institutions and the social organization in the area leads to restricting their performance space to home and field. We have identified some cases of "veiled" domestic violence and some issues that must be overcome to ensure these women's rights through community and mobilization empowerment, with a participative management in the work and the family life.

**Keywords:** Women; work and education; agro-extractivism.

## Introdução

*Infelizmente, não temos um apoio maior porque ao governo não interessa muito que o trabalhador [sic] seja politizado, porque ele sabe muito bem que, na medida em que o trabalhador [sic] se politiza, ele vai saber andar com seus próprios pés.  
(Chico Mendes).*

A região do Médio Solimões pertencente à Amazônia e é constituída por uma variedade de ecossistemas e biodiversidades considerados patrimônio natural da humanidade. A Floresta Nacional (FLONA) de Tefé e seu entorno possui uma área de 865.126,62 hectares. Conta com uma diversidade de povos com saberes, habilidades, costumes e valores próprios, o que torna a região um espaço de forte presença agroextrativista e indígena, com populações cujas diversidades cultural, social e étnica se apresentam claramente. Mas é o trabalho destes povos, especificamente destas mulheres, que sustenta a riqueza sócio-histórica da



região. Sua população contabiliza mais de 94 mil habitantes, 41,95% dos quais residindo em comunidades no campo na Amazônia. As mulheres agroextrativistas das comunidades, *locus* desta pesquisa, localizam-se divididas entre os municípios de Tefé, Alvarães, Carauari, Juruá e Uarini – todos localizados no estado do Amazonas. Neste ecossistema, as terras representam para a população uma relação de propriedade provisória, dependendo de sua utilização para o trabalho. (CHAVES, 1990).

A FLONA de Tefé é uma Unidade de Conservação (UC)<sup>3</sup> de uso sustentável decretada no dia 10 de abril de 1989 através do Decreto n. 97.629. É administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

A FLONA de Tefé integra o Corredor Ecológico Central da Amazônia Ocidental, conforme denominação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde residem atualmente cerca de 705 famílias distribuídas em 100 comunidades localizadas às margens dos rios Bauana, Tefé e Curumitá de Baixo, os principais e mais influentes cursos d'água da FLONA. Esta pesquisa envolve 50 famílias oriundas de seis comunidades. São elas: Vila São, São Francisco do Arrai, São Raimundo, São Raimundo do Monquetal, Mulato e Alvarães.

Essa UC apresenta comunidades tradicionais em seu interior e entorno que têm por fonte de subsistência, principalmente, a agricultura familiar agroextrativista, com destaque para a produção de mandioca e comercialização da farinha; também a pesca artesanal, como a do tambaqui e tucunaré; e o extrativismo da castanha, açaí, andiroba e copaíba. Eventualmente, também ocorre a atividade de caça, como a da queixada e a paca. O principal ponto de apoio para o desenvolvimento de suas atividades é a cidade de Tefé, município que dá nome e acesso à UC,

---

<sup>3</sup> Legalmente nas Unidades de Conservação de uso sustentável que têm o plano de manejo, conceituamos agroextrativismo como a mútua união de uma atividade agrícola sustentável, de baixo impacto e alto valor social que é a agricultura familiar e o extrativismo.

exclusivamente por via fluvial, e que serve de suporte para o desenvolvimento de atividades da FLONA.

A gestão da UC é de forma participativa com as comunidades e conta com o apoio da Associação de Produtores Agroextrativistas da Flona de Tefé e Entorno (APAFE), associação que tem em sua diretoria uma grande participação de jovens conscientizados da importância de um envolvimento na gestão da Unidade, destacando que é fruto de um projeto criado pelo Núcleo de Gestão Integrada (NGI) de Tefé, intitulado Jovens Como Protagonistas do Fortalecimento Comunitário. Este núcleo busca formar jovens protagonistas<sup>4</sup> aptos a se tornarem grandes lideranças. Percebe-se, no entanto, uma baixa participação das mulheres nesta forma participativa de gerir a UC, o que constituiu um dos resultados iniciais da pesquisa.

As terras nestas comunidades são baixas e sofrem inundações periódicas. Elas cobrem aproximadamente 2% da Amazônia Legal e são ocupadas em grande parte por caboclos ribeirinhos, populações tradicionais que têm suas vidas inseridas num modo peculiar de viver, trabalhar e construir saberes. (FABRÉ et al., 2007). Este modo de vida é marcado por uma cultura diferenciada, caracterizada principalmente pelo contato com as águas, terras e floresta. (FERREIRA, 2008). São esses homens e mulheres que decidem o que manter, criar e desenvolver em cada ecossistema, por meio de um conjunto de recursos, técnicas e ricas estratégias. (AMÂNCIO, 2000). São camponeses amazônicos possuidores de uma vasta experiência na utilização e conservação da biodiversidade e da ecologia dos ambientes onde vivem e trabalham. (BARREIRA, 2007).

---

<sup>4</sup> Movimento “Jovens como protagonistas do fortalecimento comunitário na FLONA Tefé, RESEX do Rio Jutaí e RESEX do Baixo Juruá”, elaborado no âmbito do I Ciclo de Gestão Participativa do ICMBio.



## Mulheres, trabalho e educação

O “*trabalho em casa e na roça, o nosso lugar*” nasce de uma infância interrompida onde o “*papai nos obrigava a casar*”, pois “*éramos muito pobres e tínhamos que mandar nossas filhas para trabalhar na casa das donas na cidade*” ou “*casar elas*”. Estes relatos estão muitos próximos do que aconteceu, por exemplo, com Anísia Floresta Brasileira Augusta.<sup>5</sup> Mulher e professora, seu pai a obrigou que se casasse muito jovem, e em 1933 fugiu de sua terra natal para se casar “*com o amor de sua vida*”.

[...] *É assim. Meninas novas nunca podia ser difamada, até por verdade ou não, os pais não gostavam das filhas difamadas por aí. Ninguém né. E esse meu esposo começou com uma brincadeira que tinha dormido comigo por aí.... Meu pai nunca aceitava essas coisas né... Só de se gostar, namorar.*

*E contaram pro meu pai e meu disse que não acreditava que um rapaz tinha dormido com a menina e que não tinha acontecido nada.*

— *Mas aconteceu?*

— *Nada, nada... nada!!! Aí o papai era bem rígido, eu tava com minha irmã. E minha irmão pediu pra eu ir lá pro interior, e lá morava o meu esposo. E tudo foi boato, foi ele que falou isso... E o cara pra quem ele falou que tinha dormido comigo contou pro papai.*

— *E a senhora desmentiu?*

— *Sim... Mas **papai não acreditou e me fez casar.** [...].*  
(Entrevista 1, grifos meus)

Na tabela abaixo pode-se perceber que quanto maior a idade, menor o nível de escolaridade. E quanto menos escolaridade estas mulheres possuem, mais permanecem em casa e na roça com o marido. “*Eu tive dezessete filhos, morreram nove. Eu desejava o que comer e não tinha. Só pode ser isso que eu botei pra fora meus filhos*”. (Entrevista 1). Acredita-se que a intelectualidade da mulher não entrava em questão; frequentar a escola estava reservado apenas aos irmãos, na ocasião em que eles tinham acesso à instrução. “*À mulher a esfera privada, o trabalho doméstico, a gestão do*

---

<sup>5</sup> Nísia lutou incansavelmente para que a intelectualidade da mulher fizesse parte de sua vida e não o doméstico como modo de vida. E com isso, segundo Eggert (2006, p. 235) “foi acusada por aquela sociedade de incitar as mulheres e de possuir uma postura considerada masculina”.

lar, o cuidar dos corpos e corações” (EGGERT, 2006, p. 26), ou seja, os muitos filhos que tiverem.

Idade	Grau de Escolaridade	Quantidade
19 a 23 anos	Ensino médio completo	3
23 anos	Cursando ensino médio	1
28 anos	Ensino médio incompleto	1
20 anos	Educação de Jovens e Adultos	1
29 a 70 anos	Ensino fundamental incompleto	5
59 anos	Cursou apenas as séries iniciais	1
Total		<b>12</b>

**Tabela 1** – Idade e escolaridade das mulheres da FLONA de Tefé

[...] Na minha adolescência **nunca tive a oportunidade de sair pra estudar** fora. Meus pais nunca deixavam... e mesmo naquela época assim, eu acho que “num” tinha. Assim no meu ver, num tinha essa liberdade, era muita pouca casa naqueles tempos, era pouquinha. Eu achava, assim, que num seria assim como é o hoje... Que eu fiquei com meu marido com dezesseis **e também não pude estudar**. [...]  
(Entrevista 3)

O conceito de exploração do trabalho não passa despercebido quando nestes diálogos com estas mulheres. Dizem: “Meu marido me ajuda quando ele está de santo bom”. As contradições, aliás, não perpassam somente a temática do seu trabalho, mas também da violência sofrida por todas estas mulheres e por aqueles interessados em perpetuar este cenário histórico de exploração. Tais “contradições tornam, por vezes, difícil a exposição, porque não se trata de ultrapassar o discurso e buscar a coerência” (SAFFIOTTI, 1981, p. 14). São muitos os atores que se relacionam nesta perpetuação: a igreja, a comunidade, os homens, as instituições, etc. Ou seja, não apenas o discurso, mas a própria consciência que produzida é contraditória.

Reprodução criativa das condições materiais, a consciência contraditória nutre-se das contradições inerentes ao mundo material, a consciência contraditória nutre-se das contradições existentes no mundo material e fornece a



retroalimentação de que este necessita para continuar vivendo. Todavia, esta reprodução não representa uma cópia fiel do mundo das coisas, uma vez que este foi vivenciado por seres humanos. (SAFFIOTI, 1981, p. 14).

As mulheres são social e historicamente consideradas inferiores por esta sociedade e *“mesmo que ele seja ótimo para mim ele reina quando não tem arroz pronto na janta”* – o que talvez torne mais lenta a superação proposta com esta pesquisa. Para Safiotti (1984, p. 22), “as mulheres são duplamente marginalizadas: por sua classe social e pelo seu sexo, ainda que o sexo seja uma dimensão comum e, por conseguinte, esteja presente em todos os tipos de sociedade, sua manipulação social varia segundo o modo de produção.” Nesse sentido, a dimensão opressiva da variação gera a interiorização da mulher. E, daí, a perceber que sua condição de opressão “manifesta-se, sobretudo, na divisão social do trabalho, processo através do qual se viabiliza sua exploração”. (SAFIOTTI, 1984, p. 20). Isso se acentua e reflete o peso do tratamento subalterno que as mulheres agroextrativistas receberam historicamente, presente também em sua tripla jornada de trabalho – daquelas que ainda vão à escola.

[...] *É né. Mas nem toda vez também né... Porque quando o menino não tá **ele tem que pescar, quando tem peixe ele ainda me ajuda** né... E quando não tem ele tem que sair pra pescar... **Aí quem tem que ficar em casa é eu...** cuidando das coisas. Então ele me ajuda.* [...] (Entrevista 3, grifo nosso)

No início do terceiro encontro solicitou-se às mulheres que desenhassem algo que lhe representassem. Seus desenhos foram os seguintes: árvores (15), casas (22), flores (1), livros (3) e canteiros de horta (6). Isso mostra o quanto o trabalho está ligado à vida delas.

Na tabela abaixo percebe-se que todas que respondem ao questionário fazem questão de dizer: *“Além do trabalho ‘na roça’, tem a casa’.*” E estes não são compreendidos por elas como trabalho e sim como tarefa de casa e ajuda ao marido na roça. *“Minha renda é para ajudar em casa”,* diz uma das mulheres no encontro.

Idade	Profissão/Trabalho	Quantidade
19 a 27 anos	Professora/dona de casa/estudante	2
28 anos	Comerciante/dona de casa	1
20 a 70 anos	Agricultora/dona de casa	9
Total		<b>12</b>

**Tabela 2** – Jornada de trabalho das mulheres da FLONA de Tefé

Não podemos desconsiderar que o descaso do Estado, especialmente com os povos da floresta, é histórico. Mesmo com os avanços, a sociedade brasileira sofre com as agruras de uma ampla burocracia no que se refere ao direito das mulheres que os hierarquiza a fim de impossibilitar sua efetivação, deixando de lado questões fundamentais tais como trabalho, saúde, educação, moradia, energia elétrica e condições de criar seus filhos.

– *Então uma má alimentação causou o aborto?*  
 – *É só pode... eu queria comer e não tinha na hora pra eu comer... – Dois foram assim e seis foi do tempo mesmo de doença. [...]*  
 (Entrevista 1, grifo nosso).

O trabalho realizado no lar pelas mulheres garante a produção cotidiana e a reprodução da mercadoria, em especial a força de trabalho, única capaz de criar valor. (MARX, 2010).

A reflexão sobre reprodução da *força de trabalho* das mulheres realizou-se no segundo encontro com as mulheres cuja temática foi *Trabalho e Educação das Mulheres da FLONA*. Embora desligada da produção direta dos bens econômicos e não geradora de mais valia, a força de trabalho feminina empregada no lar é responsável pela recriação permanente da força de trabalho que, aliada aos meios de produção, permite reproduzir o capital. (SAFFIOTI, 1984).

O fenômeno da exploração aparece, pois, escamoteado. Parece não existir, uma vez que ninguém extrai mais valia do trabalho doméstico da mulher. Entretanto, é perceptível, se

examinarmos o trabalho doméstico da mulher através do circuito que se estabelece o capital e a família por intermédio do trabalho produtivo do homem. [...] Evidentemente, este processo é vantajoso para o capital, mas apresenta consequências extremamente deletérias para as mulheres. (SAFIOTTI, 1984, p. 21).

Esta reflexão foi se fazendo na medida em que tecíamos a colcha de retalhos que se produziu no terceiro encontro.

### **Caminhos metodológicos da pesquisa-ação com mulheres**

As demandas levantadas pelo primeiro Encontro de Mulheres da Flona de Tefé em 2012 apontaram para o início de um trabalho específico voltado para questões das mulheres na região.<sup>6</sup> Este foi o início do processo metodológico. Dentro desta perspectiva de encaminhamentos e diálogo, foi-se conversar com as instituições que se tornaram parceiras no intuito de garantir uma ação conjunta entre universidade e instituições públicas em torno da questão. *Somos Mulheres e Queremos Participar!*<sup>7</sup> foi elaborado em quatro oficinas onde discutiram-se, junto de representantes das comunidades, os desejos, os desafios, as demandas a partir das quais se propôs um cronograma e algumas metas. A construção do projeto, portanto, deu-se coletivamente entre as instituições parceiras e representantes mulheres da FLONA. As questões demandadas nestas discussões estão fortemente ligadas ao histórico de restrição das mulheres

---

<sup>6</sup> Este encontro pretendeu reunir as mulheres agroextrativistas da Flona visando iniciar um processo de organização e mobilização das mulheres para o Fortalecimento Comunitário, Gestão Participativa, Geração de Renda e Qualidade de Vida das famílias.

<sup>7</sup> Projeto de pesquisa-ação que visa promover a pesquisa e a capacitação de mulheres agricultoras agroextrativistas ribeirinhas acompanhadas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação ICMBio a partir dos limites da/na legislação e a possibilidade de construir coletivamente alternativas viáveis para a superação de situações de opressão das mulheres na FLONA de Tefé/AM.

no espaço ligado exclusivamente a casa e ao roçado,<sup>8</sup> o que é compreendido como um dos resultados da baixa participação de mulheres nos espaços comunitários da FLONA.

Após essas contextualizações, algumas das principais características e intenções que compõem esta pesquisa em âmbito metodológico estão sendo sistematizadas. A partir das considerações até aqui feitas – a pesquisa está em seu sexto mês –, é possível perceber que se trata de uma pesquisa-ação, desenvolvida no campo da educação, tratando dos seguintes temas: trabalho das mulheres ribeirinhas; processos educativos não formais; violência contra mulher; a participação das mulheres na sociedade, articulada com a legislação que assegurem os direitos das mulheres.

As matrizes metodológicas encontram-se na pesquisa-ação (BRANDÃO; STRECK, 2006) e na pesquisa-formação. (JOSSO, 2004). Para a coleta das informações, buscou-se apoio em MINAYO (1993), enquanto que, para o resgate das histórias de vida, apoiou-se em PAULILO (2010).

Entende-se que as histórias de vida, tal como propostas na presente pesquisa, estão são próximas aos círculos de cultura descritos por Paulo Freire. De forma visível, ninguém ocupa um lugar proeminente. Nesse sentido, “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz...”. (BRANDÃO, 2008, p. 77).

Por esta mesma via, suas características encontram-se mencionadas por Chizotti (1991, p. 81), quais sejam, a imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa: “o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; os resultados como fruto de um trabalho

---

<sup>8</sup> Dados referidos em entrevistas realizadas no II encontro das mulheres: “Trabalho-Educação das mulheres ribeirinhas de Tefé”.



coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos”, bem como a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significado manifesto e o que permanece oculto.

Portanto, para proceder com as análises referentes às experiências vivenciadas pelas as mulheres, buscaram-se elementos em Brandão (2007, p. 51), que assim diz: “o compromisso social, político e ideológico do (a) investigador (a) é com a comunidade, com as suas causas sociais. Na maior parte dos casos, a pesquisa ação é um momento de trabalho de educação popular realizado junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral, populares”. Segundo Brandão (2007, p. 51),

na pesquisa participante, sempre importa conhecer para formar pessoas motivadas a transformarem os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos. As abordagens de pesquisa participativa aspiram a participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular.

É de se destacar também que a intenção de realizar com as mulheres da FLONA de Tefé oficinas de trabalho com o conhecimento artesanal que estas possuem, simultaneamente à discussão de temas relacionados com suas vivências e demandas contra a opressão feminina, foi inspirada na pesquisa intitulada “Mulheres tramando contra a violência: a produção do conhecimento na ação simultânea do pensamento e da criação artesanal”, coordenada pela professora Edla Eggert em 2005 e 2006 e na pesquisa de Cunha (2012), intitulada “Justiça com as próprias mãos”, que visa à superação da violência através do trabalho manual e de conversas na intenção de aproximar lugares e experiências oriundas da não formalidade.



## **Relatos da pesquisa: o cotidiano de trabalho das mulheres ribeirinhas da FLONA de Tefé**

O trabalho doméstico (EGGERT, 2006) é o que sobra. O processo é a incompatibilidade do trabalho e do *belo sexo*: “[...] mulheres belas, mulheres ociosas: daí por diante a beleza será considerada incompatível com o trabalho feminino”. (EGGERT apud LYPOVETSKY, 2006, p. 226).

Assim, à gestão do privado cabe à mulher, o trabalho doméstico os ternos cuidados dos corpos e dos corações. (ROUSSEAU, 1979). Dignas e discretas a realizarem com êxito esta função; assim se sentem, assim dizem.

*[...] Eu acho que naquele tempo assim eu **aprestava mais atenção eu acho era nos meus irmãos por que eu cuidei muito dos meus irmãos, né... Ai a mamãe ia pra roça aí eu ficava com eles lá... Ai eu, quando ia pra aula, num sabia se eu ficava lá ou se eu ficava cuidando dos meus irmãos, a preocupação ficava. Eu acho que a minha preocupação era mais neles do que mesmo na escola... depois foi assim com meus filhos, né [...].** (Entrevista 2, grifo nosso)*

Assim, a mulher do século XVIII fica confinada ao lar quando há necessidade do seu trabalho. Neste ponto não há diferenças de pensamento. E pelas entrevistas realizadas com as mulheres e pelos discursos presentes nos homens da FLONA de Tefé, elas são naturalmente afetivas, maternais, bondosas e devem zelar pela família, devendo permanecer sempre ao lado dos filhos. Nos encontros há sempre muitas crianças; estas ficam junto de suas mães, assim lhes é ensinado. “[...] *Filho é perto da mãe, precisa estar com ‘nóis’.*”

As mulheres estão fora das decisões da comunidade uma e outra participam, e geralmente aquelas que já possuem seus filhos criados e que o seu trabalho em casa não é mais fundamental. Sua participação reduz-se ao lar e ao roçado, quando “deixado” o ir à escola.



Teoricamente, a família é construída de um homem e uma mulher que se amam e que, através do ato do amor, se reproduzem, oferecendo à sua prole não apenas os meios materiais de subsistência, mas também e, sobretudo, um ambiente de carinho, no qual a crianças possam desenvolver sua dimensão afetiva. Na prática, contudo, tendo em vista o já exposto, são muito raras as famílias que cumprem adequadamente estas funções. Os homens são ensinados a competir permanentemente: por um emprego, por um salário melhor [...] até pela atenção de uma mulher. (SAFFIOTI, 1987, p. 36).

Percebe-se que os discursos, nas entrevistas, iniciam de outra forma e, aos poucos, as mulheres vão deixando transparecer a preocupação com a família, com o doméstico, com o lar encarnando a imagem de esposa e mãe. (EGGERT, 2006). A dedicação com a tarefa de casa é central nas falas. Tarefa que não entendem como trabalho mesmo que esta esteja destinada a “servir, alimentar, cozinhar, criar, atender na doença, assistir na morte – esta é a ocupação da mulher”. (EGGERT, 2006, p. 228).

À mulher impõem-se a necessidade de inibir toda e qualquer tendência agressiva, pois deve ser dócil, cordata, passiva. Caso ela seja o tipo de *mulher despachada*, deve disfarçar esta qualidade, deve disfarçar esta qualidade, porquanto esta característica só é considerada positiva quando presente num homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 37).

Para estas mulheres da floresta seu papel continua aquele condicionado pela sociedade capitalista: sua força de trabalho determina-se, pois, como valor de uso.

[...] *Vieno pra cá, pra roça, também trabalhar para sustentar a família. Mas eu tinha vontade de estudar* [...]. (Entrevista 4)

Seu processo de alienação faz-se, portanto, pela intermediação dos objetos que o salário do seu marido ou do seu pai lhe permite adquirir: a própria casa, a comida, etc. Trata-se de uma alienação reflexa, mais difícil assim de ser extirpada. [...] Talvez resida aí a razão do conservadorismo ideológico das mulheres, sobretudo do ponto de vista político. (SAFFIOTI, 2006, p. 21)



Questões de violência doméstica também apareceram relatadas de forma sutil nas entrevistas. Tal contexto resulta num cenário de forte desigualdade entre mulheres e homens na comunidade, na desvalorização da mulher e no desrespeito aos seus direitos, tornando necessária a continuação desta pesquisa que, ao mesmo tempo, é um trabalho educativo.

*[...] **Aí eu jogava na costa, andava um pedacinho, quando demorava eu começava a chorar, porque me dava uma dor assim,** [...] na minha barriga aí eu parava, meu irmão trazia o panero. [...] Eu desde 12 anos eu fui trabalhar na casa dos outros, sabe? Depois que meu pai deixou eu ir pra Tefé, eu fui embora morar com os outros [...].*  
(Entrevista 4)

Dessa forma, talvez estas mulheres possam se inspirar modificando este cenário, participando nos espaços de tomadas de decisão e vida política da comunidade.<sup>9</sup> Estas questões serão amadurecidas em outro momento.

## **As Mulheres da floresta e o agroextrativismo**

O termo *povos da floresta* remonta à segunda metade do século XIX e remete ao processo de resistência empreendido pelos extrativistas da Amazônia ocidental em defesa de suas terras e condições de reprodução social.

A pressão industrial americana e europeia para a produção do látex transformará esta parte da Amazônia num dos centros da produção mundial de borracha, contexto para o qual concorreu um processo de colonização que deu origem à expropriação dos seus moradores originais: os índios, os quais frente à resistência em que se tornaram mão de obra, foram substituídos, pelos barões da borracha pelos migrantes de outras regiões. (FERREIRA, 2010, p. 421).

Falar de um povo da floresta é também falar da mulher da floresta. É compreendê-las presentes em um contexto de organização e luta popular

---

<sup>9</sup> Relatório do I Encontro de Mulheres da Flona de Tefé e Entorno/2012.



das comunidades do norte do país por busca de melhores condições de vida e trabalho. Apesar da história oficial não as ter colocado como sujeitos importantes nesta luta, elas estiveram e estão presentes no lar, na roça, na floresta. Lideram e estão à frente da manutenção da vida dos demais, como foi possível perceber nas falas. Estão na educação e criação dos filhos, na organização e plantação na roça, na extração da castanha e do açaí.

A pauperização desta população, percebida no rosto destas mulheres e dita em palavras (“*faltava alimento*”), bem como o processo econômico que força a destruição da floresta, fez surgir “os primeiros movimentos sociais de resistência, dos quais se destacam a ação dos sindicatos, a prática dos ‘empates’, bem como das reservas extrativistas (RESEX)”. (FERREIRA, 2010, p. 421).

Estas organizações eram precedidas de um conjunto de estratégias desenvolvidas pelos trabalhadores e demandaram importante processo pedagógico de construção da identidade coletiva. Era o surgimento de uma crescente tomada de consciência que desembocaria numa reação política de proporções globais. Caberia ao Estado brasileiro o reconhecimento dos princípios que iriam reorientar as políticas para o meio ambiente, para as questões agrárias bem como para a cidadania das populações “invisíveis” da floresta Amazônica. (FERREIRA, 2010, p. 421).

[...] *O que eu gostaria de dizer é que eu já estou nessa idade de 86 anos, e que **muitas vezes tem luta do alimento** [...]* (Entrevista 1)

[...] **Trabalhando na roça**, só que eu nunca assim, gostava de viver o tempo todo na roça. [...] Meu pai às vez fazia panero **pra gente carregar**. [...] (Entrevista 4)

[...] *Ele ficou bravo comigo, **que mulher que estudava fazia o marido de corno**, “num” sei o que, sabe, um monte de coisa [...]*. (Entrevista 3)

Fome, trabalho explorado, falta de escolarização, opressão que só com processos de resistência destas mulheres que se conseguiu superar e fazer história. Nesse sentido, percebe-se que a educação destas mulheres caracteriza-se fundamentalmente em meio a processos de resistências e luta em torno das comunidades. A rica teia de articulação solidária entre estas comunidades tem atualmente influenciado – em alguns casos, tem forçado – a ação do Estado em direção a melhores condições de vida destas

mulheres e das comunidades. Por exemplo, tem-se o CNS, a APAFE e movimentos internos. Entretanto, não há um movimento social de mulheres da floresta nesta reserva, o que poderá passar a existir como um resultado deste trabalho formativo.

A problemática que se põe como pano de fundo de nossa pesquisa inclui as contradições do processo de modernização para a região o qual se demonstra em sua face modernizadora. Contudo, neste contexto adverso, a educação, a saúde, o trabalho, o acesso à energia elétrica ainda constituem um bem desejável por todas.

O agroextrativismo, então, é a proposta assumida como contraponto ao agronegócio, modelo vigente, até porque as mulheres da floresta já exerciam muitas práticas agroecológicas. Além disso, as discussões nacionais no campo dos movimentos sociais do campo já discutem, há muito, o modelo de agricultura que está em relação com a manutenção da vida.

Portanto, o agroextrativismo é a atividade exercida pelos povos agroextrativistas que sobrevivem tanto do plantio da agricultura (roça, milho, banana, abacaxi, cana de açúcar, etc.) quanto dos produtos nativos da fauna e flora, como a coleta da castanha, extração do óleo de copaíba, andiroba, açaí, extração do látex da borracha, manejo do pirarucu, manejo florestal familiar comunitário, entre outros.

As mulheres da floresta intensificaram as práticas agroextrativistas, apesar das dificuldades de um contexto onde o agronegócio e o agrotóxico tornam-se mais frequentes e com maiores possibilidades de financiamento. Percebem-se poucas mulheres envolvidas na luta por melhores condições de trabalho. Isso leva a perceber uma necessidade de constituição de um movimento social de mulheres agroextrativistas da FLONA.

Segundo Paludo (2009), já em 1995, após muita luta pelo direito à documentação pessoal e profissional, as mulheres agricultoras foram autorizadas a colocar seus nomes nos blocos de nota da venda dos



produtos agrícolas. “Foi mais uma grande conquista, fruto de uma intensa mobilização nos municípios, nos estados e no país, cujo maior entrave era o machismo manifestado por parte de funcionários dos órgãos públicos competentes, e pelos próprios companheiros das mulheres trabalhadoras”. (DARON et. al., 2009, p. 107). Segundo as autoras, conta-se que o maior medo era serem ameaçados mais uma vez. “O maior medo por parte destes homens era que as mulheres viessem a coordenar, mandar e definir sobre as finanças da venda dos produtos”. (Idem, ibidem, p. 107). Nesse sentido, percebe-se o quanto é importante as mulheres terem sua independência financeira para ganhar autonomia e poder de decisão participando sem medo de suas comunidades.

Em 1995 também foi criada a Articulação Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), que serviu para articulação e mobilização em prol das causas de lutas específicas das mulheres trabalhadoras rurais. Estas lutas ampliam-se; as mulheres começam a reivindicar questões como saúde, educação, moradia de forma específica e gratuita para todas elas. No Rio Grande do Sul, as “mulheres do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) exigiam exames como mamografias e de colo de útero, pois o câncer era causa da morte de centenas de mulheres no Estado”. (DARON et. al., 2009, p. 108).

No Brasil, o Movimento de Mulheres da Via Campesina marcou o ano de 1997. Houve amplos debates sobre o modelo agrícola na tentativa de negar o pacote agroquímico e as monoculturas; houve mobilizações junto de outros movimentos que reivindicavam crédito subsidiado para a agricultura familiar. Segundo Daron (et. al., 2009, p. 108), “o auge desta luta foram os dezessete dias de fome, feito pelo um grupo de agricultoras, militantes de movimentos sociais”.

Na década de 1970, a questão da educação na Amazônia figurava como um desafio a ser enfrentado. Nessa perspectiva, uma das “ações do projeto de Seringueiros era a de garantir conhecimentos do Português e da



Matemática como instrumento de defesa do anacrônico modelo econômico – o aviamento”. (FERREIRA, 2010, p. 423).

Desse modo, Ferreira (2010) diz que a trajetória de articulações políticas rumo à instituição de reservas extrativistas foi o que permitiu a população nas escolas, exceto as mulheres que permaneciam no lar, dando condições para seus filhos e irmãos frequentarem a escola. O que se encontra nos textos sobre estas conquistas, inclusive de Chico Mendes, o grande inspirador dos movimentos da floresta, não se refere às mulheres. Na possibilidade de escola, livro, biblioteca, a água tratada e a melhoria de vida das populações sempre são apresentadas como reivindicações dos trabalhadores seringueiros.

Mas, em que pese o avanço dessas políticas a favor da melhoria de vida das populações, não há dúvida de que o trabalho da mulher é central. Na atualidade, pode-se identificar um enorme contingente de ações e conquistas em torno da educação das novas gerações da floresta, influenciado e realizado através do trabalho das mulheres da floresta.

### **Considerações iniciais: primeiras aproximações**

De fato, a luta e resistência destas mulheres e a relação com a vida não estão presentes na história oficial; estamos descobrindo estes elementos junto delas, que se fizeram presentes em grandes momentos da história da Amazônia. Estas contribuíram e continuam a contribuir para a realização de sonhos e lutas na emancipação de toda uma população.

Apesar de não encontrarmos nada escrito sobre sua atuação na história, suas práticas de vida têm nos ensinado muito sobre a importância da educação, do trabalho e das possibilidades de emancipação como ato político.

*“É na roça e na cozinha, assim que ‘nóis vivi”*”, porque a elas não foi dada a oportunidade de um outro lugar. Conforme Saffioti (1984), o lar é o seu



lugar reservado naturalmente, em uma sociedade patriarcal presente neste contexto adverso. São mulheres feitas de trabalho, luta e resistência, de lições ensinadas e aprendidas, de corpos velhos e sábios, de vidas dedicada à construção de suas famílias e à comunidade, que lhes negam a participação política ao mesmo tempo em que as cobram participação na casa e no roçado.

## Referências

AMÂNCIO, Robson. *Gestão em assentamento e poder público*. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

BARREIRA, César. Prefácio. In: WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Círculos de Cultura*. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-78.

CASTRO, Amanda Motta Ângelo de, EGGERT, Edla. *Mulheres e suas experiências religiosas a partir do trabalho num ateliê de tecelagem*. In: III Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião – [EST]TÉTICA E DIREITOS HUMANOS, 3, 2009, São Leopoldo. **Anais**, São Leopoldo, 2009. p. 60-67.

CHAVES, M<sup>a</sup> do Céu Câmara. *Irاندوبا: Ribeirinhos na travessia produzida – análise de um projeto para populações rurais no Estado do Amazonas*. Rio de Janeiro: IESAE, 1990.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CUNHA, Aline Lemos da. *“Histórias em múltiplos fios”: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas*. 2010. 266f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [2010].

CUNHA, Aline Lemos da. *“Justiça com as próprias mãos” um estudo com mulheres negras vítimas de violência doméstica*. UFRGS, 2012.

DARON, et. al. *Movimento de Mulheres Camponesas: Na luta a constituição de uma identidade camponesa*. In: PALUDO, C. **Mulheres: Resistência e Luta em torno da vida**. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 86-132.

EGGERT, Edla. *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Sinodal, Série teses e dissertações, v. 21, EST, 2003.



EGGERT, Edla. *Doméstico: espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos*. In: STRÖER, Marga, DEIFELT, Wanda, MUSSKOPF, André (Orgs.) **Â flor da pele**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004. p. 225-244.

EGGERT, Edla. *Observações sobre pesquisa autobiográfica e concepções feministas: metodologias para refletir sobre a violência doméstica e a educação*. In: MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.). **Rotas Críticas: mulheres enfrentando a violência**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 83-96.

EGGERT, Edla; SILVA, Marcia Alves da (Orgs.). *A tecelagem como metáfora das pedagogias docentes*. Pelotas: UFPel, 2009.

FABRÉ, Nidia Noemi, et AL (Org.). *Sociobiodiversidade e conservação da várzea amazônica*. Manaus: PYRÁ, 2007.

FERREIRA, Jarliane da Silva. *Escola Rural/Ribeirinha, Currículo e Interculturalidade: um projeto possível?* Artigo apresentado no XX Seminário do Mestrado em Educação. PPG/UFAM, 2008.

FERREIRA, Lindomal. *Chico Mendes e os povos da floresta: uma pedagogia em construção*. In: **Fontes da Pedagogia Latina Americana: uma ontologia**, STRECK, D. (Org.). Belo Horizonte: Editora, 2010. p. 421-437.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. *As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações* MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. (1983) Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p.239-262.

MARX, Karl. I. *A mercadoria*. In: **O capital: crítica da economia política**, livro I. 27. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 57 -105.

PALUDO, C. *Mulheres: Resistência e Luta em torno da vida*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

ROUSSEUAU, Jean J. *Emílio ou da Educação*. 1979.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Do Artesanal ao Industrial: A exploração da Mulher*. São Paulo: Editora HUCITEC. 1981.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Mulher Brasileira: Opressão e Exploração*. Rio de Janeiro: Edições Achimé Ltda. 1984.

